

## **Resiliência e Família:**

### **Uma análise da produção científica no período de 2006 a 2017**

Por Josean da Silva<sup>1</sup>

Fecha de recepción: Mayo de 2018

Fecha de aceptación: Mayo de 2018

#### **Resumo**

A percepção de enxergar em eventos negativos possibilidades que não sejam apenas patológicas é uma conquista recente da psicologia. Sua concepção surge com a perspectiva epistemológica do professor Martin Seligman à frente da *American Psychological Association* (APA) em 1998.

O movimento pela psicologia positiva acaba por subsidiar outras reflexões tais como a questão da “resiliência e família” o que encorajou diversos pesquisadores a aderirem a esse campo de investigação. Este artigo faz um levantamento bibliográfico a partir de trabalhos científicos disponíveis nas bases de dados da BVS-Psi, Lilacs, Index Psi, Revista Técnico-Científica, e SciELO considerando o recorte temporal de 2006 a 2017 e apresenta resultados que mostram o crescimento da produção científica no Brasil sobre a resiliência e família.

Assim, foram analisados os instrumentos de coleta de dados utilizados na pesquisa; quando se questionou a preferência do uso entre “questionários”, “entrevistas”, “observação” no trabalho em apreciação.

---

<sup>1</sup> Mestre em Serviço Social na linha de Políticas Sociais pela Universidade Federal da Paraíba; Ele é formado em Pedagogia e Tecnólogo em Agroindústria. Por 10 anos ele pesquisa e escreve sobre Pobreza e Exclusão Social na América Latina. Destacou-se como pesquisador, atuou em diversas escolas públicas e privadas, lecionando, entre outras, as disciplinas de Filosofia, Sociologia Jurídica, Antropologia Legal e Políticas Públicas. Atualmente, é professor efetivo da Faculdade de Ciências Humanas do Sertão Central de Pernambuco e Auditor Ambiental do TdA em Tratamento de Água, empresa com a qual atua há 15 anos. E-mail de contato: joseandasilva@yahoo.com.br

### **Palavras-chave**

Resiliência e Família; Resiliência em Família; Resiliência Familiar

### **Resumen**

La percepción de los acontecimientos negativos en ver las posibilidades que no son sólo patológicos es una conquista reciente de la psicología. Su diseño viene con la perspectiva epistemológica del profesor Martin Seligman por delante de la American Psychological Association (APA) en 1998.

El movimiento de la psicología positiva termina subsidiando otras reflexiones, como la cuestión de la "capacidad de recuperación y la familia", que animó a muchos investigadores a unirse a este campo de investigación. Este artículo es una literatura de artículos científicos disponibles en las bases de datos de la BVS- Psi, Lilacs, INDEXPsi, Técnico-Científico Diario y SciELO teniendo en cuenta el marco temporal 2006-2017 y presenta resultados que muestran el crecimiento de la producción científica en Brasil sobre la capacidad de recuperación y la familia.

Así, se analizaron los instrumentos de recolección de datos utilizados en la investigación; cuando se cuestionó la preferencia del uso entre "cuestionarios", "entrevistas", "observación" en el trabajo en cuestión.

### **Palabras clave**

Resiliencia y familia; Resiliencia en familia; Resiliencia familiar

### **Abstract**

The perception of negative events in seeing possibilities that are not just pathological is a recent conquest of psychology. Its design comes with the epistemological perspective of Professor Martin Seligman ahead of the American Psychological Association (APA) in 1998.

The movement for positive psychology ends up subsidizing other reflections such as the question of "resilience and family" which encouraged many researchers to join this field of research. This article is a literature from scientific papers available in the databases of the BVS-Psi, Lilacs, INDEXPsi, Technical-Scientific Journal and SciELO considering the time frame from 2006 to 2017 and presents results that show the growth of scientific production in Brazil on resilience and family.

When questioned preferred the use of "questionnaires", "interview", "observation" in the work under consideration, so the data collection instruments used in the study were analyzed.

### **Keywords**

Resilience and Family; Family Resilience; Family Resilience

### **Introdução**

Durante muito tempo a psicologia se ocupou da investigação das patologias. Ao assumir esse perfil, parece ter desprezado os aspectos saudáveis dos seres humanos, o que instigou pesquisadores da área a validarem uma contracorrente emergente que culminou no movimento pela Psicologia Positiva (Paludo & Koller, 2007). É a partir desse momento que a resiliência tem sido vista como um processo sistêmico de adaptação ao longo do desenvolvimento humano, com muita frequência implicando em “superação de crises e adversidades em indivíduos, grupos e organizações” (Yunes & Szymanski, 2001, p. 214).

O fato é que a resiliência na psicologia é uma construção teórica recente e como tal necessita de sistematização conceitual, o que ainda não parece ter acontecido completamente. Aquí se denota em alto relevo a importância desta reflexão. Por esta razão, muitos pesquisadores da área têm orientado suas investigações em uma concepção inicial de resiliência como correspondente aos termos “invulnerabilidade” ou “resistência” às adversidades (Masten & Garmezy, 1985;

Rutter, 1985; Werner & Smith, 1992); muito embora não haja consenso total da equivalência dos vocábulos entre os teóricos (Zimmerman & Arunkumar, 1994).

No que diz respeito à família, especificamente, passa-se a ser compreendida como um contexto de desenvolvimento humano, podendo contribuir, a favor ou contra, no referido processo. Esta concepção de família não deveria ser novidade já que há muito é vista como uma instituição social que, com as demais, viabilizam o bem estar da coletividade, exercendo assim um impacto significativo no comportamento dos indivíduos e, portanto, no desenvolvimento humano. Mas ao adicionar a questão da resiliência ao tema família, a discussão ganha um contorno epistemológico ainda não explorado pela própria psicologia, por passar a admiti-la como objeto de estudo; isto instigou novos aspectos teórico-metodológicos para o campo (Böing, Crepaldi & Moré, 2008).

É neste sentido que este trabalho tem o objetivo de fazer uma análise da obra científica sobre a matéria aqui exposta, apresentando um panorama dessa produção, tomando como substrato os resumos de publicações que tenham sido depositados nos repositórios da Biblioteca Virtual de Saúde – BVS-Psi, Lilacs e SciELO entre 2006 e 2017 e que contemplem as palavras-chave “psicologia positiva”, “resiliência” e “família”. Sua relevância se afirma na necessidade de atualização de dados sobre o cenário dessas publicações, discutindo a hipótese de crescimento no setor nacional brasileiro.

### **Revisão da literatura**

Segundo Paludo & Koller (2007) o movimento pela Psicologia Positiva se inicia com a administração do psicólogo Martin Seligman à frente da *American Psychological Association* (APA), em 1998. As autoras lembram que o estudo dos aspectos virtuosos da natureza humana fora negligenciado até então, refletindo tal descaso na pequena publicação direcionada a construtos psicológicos como “felicidade” (Paludo & Koller, 2007).

De acordo com as pesquisadoras, “investigar esses fatores pode ser eficaz na prevenção de problemas relacionados ao comportamento humano” (Paludo & Koller, 2007, p.12). As autoras, também chamam a atenção para o fato de que muitos estudos sobre patologia já foram realizados neste âmbito, mas pouco se investigou sobre os aspectos saudáveis ocorridos e vivenciados durante o processo de desenvolvimento humano que, embora nem sempre seja isento de aspectos doentios, podem revelar processos de resiliência.

Os aspectos virtuosos que são investigados pela psicologia positiva podem ser compreendidos por três pilares apresentados por Seligman (2003), a saber: a experiência subjetiva que está relacionada aos estudos ligados às experiências positivas vivenciadas no passado, no presente e que poderão ser vividas no futuro; as características individuais que são correlatas às competências sentimentais tais como afeto, perdão, espiritualidade e outros; e, por fim, as instituições e comunidades, pilar a partir do qual se estuda o relacionamento cívico como precursor de melhoria de vida em sociedade (Seligman, 2003).

Contudo, embora os estudos acerca do desenvolvimento humano e sua relação com a resiliência e família sejam mais explícitos na década de 1990, Rooke & Pereira-silva (2012), afirmam que esta discussão já estava presente nas produções científicas de 1950 estimulando a reflexão sobre conceitos correlatos à resiliência nas duas décadas seguintes.

A verdade é que a utilização do conceito de resiliência na esfera das Ciências da Saúde se tornou perceptível, com bastante entusiasmo, a partir da década de 70; muito embora nas Ciências Físicas, é bom lembrar, seu uso esteja há muito tempo naturalizado.

Discutir o conceito de resiliência não é tarefa simples. Uma das grandes problemáticas dos fundamentos da definição pode ser compreendida a partir dos diferentes contextos nos quais o conceito pode ser pensado. Libório e Ungar (2010), por exemplo, afirmam neste sentido que “os estudiosos têm se confrontado com as tensões entre a homogeneidade e heterogeneidade nas formas pelas quais fenômenos relacionados à saúde são conceituados” (Libório & Ungar, 2010,

p. 477). Os autores sugerem a necessidade de se construir o significado da resiliência como relativo, isto é, que se conceba que diferentes contextos e culturas admitem diferentes possibilidades de concepções epistemológicas sobre o tema.

Souza e Cerveny (2006) registram que os processos de resiliência eram analisados a partir da observação do comportamento de pessoas que, apesar de estarem ou tenham estado submetidas a estressores e traumas agudos ou prolongados, não apresentavam patologias como esperava a psicologia, ou como conceituaram Noronha et al. (2009, p. 498), “nas ciências humanas, a resiliência representa a capacidade de um indivíduo construir-se positivamente face às adversidades”.

Neste sentido a relação entre resiliência e família tem sido enxergada pelos pesquisadores como uma abordagem no campo da saúde que marca, por vezes, uma trajetória do desenvolvimento humano (Chiesa, 2005; Noronha et.al., 2009; Pinheiro, 2004; Silva, 2003). Conhecida como resiliência familiar este enfoque parece revelar o possível fortalecimento de aspectos positivos das famílias submetidas às situações de risco social.

É a partir desta hipótese que Walsh (2005), dentre outras questões, apresenta ações práticas para fortalecer famílias em vulnerabilidade. Segundo a autora, se deve identificar as potencialidades e recursos da família; tratar os problemas individuais com uma abordagem familiar; fornecer ações de serviços que sejam flexíveis e holísticos; dar ênfase à intervenção precoce e prevenção e, finalmente, formar parcerias com a comunidade.

O que fica claro na defesa da autora é que as crises, de modo geral, ao se desencadarem, suscitam no sistema familiar à possibilidade de aprimorar habilidades e revelar soluções dantes imperceptíveis. Os fatores de estresse podem subsidiar, neste caso, competências no seio do grupo familiar. Para Walsh (2005) a ausência de problemas, portanto, não define a saúde da família; é a maneira de enfrentar os problemas que determinará se uma família é sadia ou não.

É desta forma que a definição de resiliência familiar abarca mais que boas condições de convivência em família. Para além do exposto, este construto psicológico dá testemunho de certo potencial para enfrentar, suportar e sobreviver às situações adversas de provações. Este potencial é, segundo a autora, possivelmente desenvolvido nas relações entre os membros da família exposta à dificuldade. De acordo com Walsh (2005), quando as intervenções são focadas no fortalecimento da família, acontece do impacto do estresse ser amortecido entre os membros da família gerando resistência.

Analisando por outro aspecto, Böing, Crepaldi e Moré (2008) afirmam que “a unidade familiar é um sistema composto por indivíduos que podem também ser considerados sistemas por si só e, ao mesmo tempo, uma parte de um sistema, ou seja, um subsistema” (p. 254.) Com esta alegação as autoras afirmam que a família se tornou um objeto de pesquisa de muito valor para a psicologia já que, neste caso, passou a ser considerado um contexto que pode explicar, em certos casos, o indivíduo em sua singularidade. É por esta razão que, neste mesmo sentido, há um “crescente interesse pelo conceito de resiliência como reflexo da necessidade do investimento em prevenção de problemas e promoção da saúde” (Böing, Crepaldi & Moré, 2008, p. 436.). Desta forma, a resiliência vem alcançando um lugar na psicologia como área de interesse de pesquisa, tendo na última década uma maior frequência de publicações técnicas (Morais & Koller, 2004).

Para além do exposto, ao discutir as origens da construção do conceito de resiliência em psicologia, Brandão, Mahfoud e Gianordoli (2011) alegam que no princípio, os pesquisadores da resiliência estudavam o tema se apoiando em diversas perspectivas. Para os autores, na atualidade, essas perspectivas podem ser apresentadas em três correntes básicas: a norte-americana ou anglo-saxônica, a europeia e a latino americana.

A corrente norte-americana é mais centrada no indivíduo, comumente com enfoque behaviorista. A ideia é que os processos de resiliência acontecem a partir da interação do sujeito com o contexto no qual este vive; a europeia, por sua vez, apresenta o relativismo como base de sua concepção “tomando a visão do sujeito como relevante para a avaliação da resiliência” (Brandão, Mahfoud & Gianordoli, 2001, p.263) e a corrente latino americana, tem cunho

comunitário enfocando o social na análise crítica do processo a partir de respostas que o sujeito venha dar à sua exposição às adversidades.

Percebe-se que o conceito atual de resiliência tem ganhado uma importante posição no movimento pela promoção da saúde (Grünspun, 2003; Remor, 1999), mas ainda se encontra em fase de construção e sua definição ainda carece de discussão e debate, até gerar consenso entre pesquisadores da área da psicologia (Pesce et al., 2005). É nesta perspectiva que Yunes (2003) chama a atenção para o fato de que ainda haja escassez de trabalhos, sobretudo no Brasil e afirma que essa carência de publicação, além de aumentar a deficiência empírica, em cascata, enfraquece a definição teórica.

Noutro ponto de vista e numa análise mais específica, Libório e Ungar (2010) defendem, entretanto, que a literatura brasileira tem se destacado no cenário latino como expoente da reflexão sobre o tema; o que, embora não desfaça a importância da afirmação de Yunes, coloca o Brasil na condição de campo de pesquisa ao que se refere à produção e análise bibliográfica.

Este artigo faz um levantamento bibliográfico a partir de trabalhos científicos disponíveis nas bases de dados da BVS-Psi, Lilacs e SciELO considerando o recorte temporal de 2006 a 2013 e apresenta resultados que mostram o crescimento da produção científica no Brasil sobre a resiliência e família. Assim, foram analisados os *instrumentos de coleta de dados* utilizados na pesquisa; quando se questionou a preferência do uso entre “questionários”, “entrevistas”, “observação e escala” no trabalho em apreciação.

## **Método**

Este artigo é resultado de um levantamento bibliográfico. Sua constituição foi possível a partir da investigação de trabalhos científicos disponíveis nas bases de dados da BVS-Psi, Lilacs, Index Psi, Revista Técnico-Científica e SciELO. Para efeito de recorte temporal considerou-se o ano inicial de 2006 por se tratar de um momento de expressiva discussão a respeito da recorrente construção do conceito de resiliência e família (Libório & Ungar, 2010; Oliveira et al., 2008;



Souza & Cervene, 2006) e ano final 2017, para possibilitar a constituição de um panorama atualizado da literatura. Quanto à demarcação geográfica, foram apreciadas tanto publicações nacionais quanto internacionais.

Nas bases de dados mencionadas, foram encontradas 284 publicações relacionadas aos descritores utilizados nesta investigação. Entretanto, para efeito da triagem de composição de amostragem, admitiram-se como palavras-chaves “Resiliência e Família”, “Resiliência em Família” e “Resiliência Familiar”; considerando como exigência a presença destas palavras no resumo do trabalho em seleção, o que configurou condição de classificação como publicação analisável.

Deste modo se elegeu 63 resumos de investigações que, depois de lidos, foram categorizados em relação ao ano de publicação e destaque temático conferido pelo autor.

Além dos trabalhos selecionados serem classificados em nacionais e internacionais, o enfoque do levantamento bibliográfico, por conseguinte, se deteve a três elementos que subsidiaram a discussão dos resultados. O primeiro destes elementos foi a *modalidade de publicação* a partir de que se considerou os itens “trabalho de revisão de literatura” (artigos e livros ou capítulos) e “trabalho de pesquisa empírica” (teses e dissertações). O segundo elemento consistiu na busca do *foco da investigação* dado pelo autor; nesta etapa da pesquisa a finalidade foi perceber, na escrita do artigo, a ênfase dada às questões como “desenvolvimento humano”, “resiliência e família”, “conceituações no tema” e “psicologia positiva”.

E por último, mas não menos importantes, foram analisados os *instrumentos de coleta de dados* utilizados na pesquisa; quando se questionou a preferência do uso entre “questionários”, “entrevistas”, “observação e escala” no trabalho em apreciação. A classificação realizada foi analisada por meio de estatísticas descritivas, a partir de onde, se derivaram os dados utilizados na escrita e publicação das reflexões feitas aqui.

## Resultados e Discussão

As produções foram classificadas em duas modalidades de publicação, ou seja, “trabalho de revisão de literatura” (artigos e livros ou capítulos); e “trabalho de pesquisa empírica” (dissertações e teses). Do universo analisado se percebeu que a produção mais frequente é na modalidade “trabalho de revisão de literatura”, abarcando a representatividade de 90% (n=56) de todo a amostra analisada conforme apresenta a Tabela 1.

Tabela 1. Modalidades de Publicação

<b>Classe</b>	<b>Frequência</b>	<b>Frequência Relativa</b>
Teórico	56	90%
Empírico	7	10%

Esta informação denota a importância conferida pelos pesquisadores ao formato de publicação; no campo da pesquisa científica, portanto, essa modalidade aparece como sendo a mais procurada para apresentação de resultados de investigação. Constatou-se ainda que destes, 56% (n=35) são investigações internacionais, apresentado em decorrência disso, 44% (n=28) de investigações nacionais como se pode ver na Tabela 2.

A constatação de que as publicações internacionais estão acima das nacionais não é a informação mais importante que os dados revelam e sim, o fato de que a produção nacional aproxima-se dos 50% de toda a produção analisada no recorte temporal, quando até bem pouco tempo, este número sequer alcançava o percentual de 10% conforme discutiu Rooke e Pereira-Silva (2014).

Tabela 2. Distribuição de frequências de trabalhos nacionais e internacionais analisados

<b>Classe</b>	<b>Frequência</b>	<b>Frequência Relativa</b>
Nacionais	28	44%
Internacionais	35	56%

Nos artigos de revisão de literatura ou teóricos, especificamente, se verificou crescimento na produção nacional; essa modalidade abrangeu a percentagem de 24% (n=15) do total de trabalhos analisados dos quais 46% (n=6) foram produções nacionais contra 54% (n=9) estrangeiras, o que, mais uma vez, supera dados anteriormente apresentados (Rooke & Pereira-Silva, 2014).

Ao que se refere a livros e capítulos, se observou que cerca de 10% (n=6) se destinou ao registro da existência de trabalhos nessa modalidade de publicação; sendo 60% (n=4) destes em periódicos internacionais.

O baixo número de publicações nesta modalidade pode indicar a valorização atribuída pela comunidade científica a outras modalidades em detrimento desta. Neste sentido é importante perceber a rigidez da seleção de publicações de artigos de pesquisa científica em detrimento das facilidades de publicação no formato livro ou capítulo.

Também na modalidade “empíricos” – dissertações e teses – se conferiu 10% (n=6) de presença do tipo de publicação, onde 40% (n=2) se conferiu ser defendidas no Brasil contra 60% (n=3) no exterior. A baixa produtividade nesta modalidade, não apenas denota a recente pesquisa na área como também pode indicar a baixa penetração do campo temático na esfera da pesquisa *stricto sensu*.

Foi importante perceber que até o ano referendado como inicial nesta investigação, se assumiu haver carência de produção nacional conforme destacaram Oliveira et al. (2008) o que explicava a atenuação de acepções teóricas e, como escreveu Yunes (2003) aumentava a deficiência empírica para o campo investigado. Até este ponto dos resultados, portanto, já é possível verificar a inferência do crescimento na produção brasileira, hipótese, preliminarmente, aventada neste trabalho (Libório & Ungar, 2015).

Depois de considerar a modalidade das publicações, a análise deste estudo se deteve ao foco da investigação conferida por cada pesquisador como se ilustra na Figura 4. Neste momento, pode-se perceber que 34% destes deram maior atenção à questão da “Resiliência Familiar” (RF).

Tabela 3. Focos da investigação

<b>Classe</b>	<b>Frequência</b>	<b>Frequência Relativa</b>
RF	22	34%
DH	17	27%
PP	16	26%
DT	8	13%

O tema do “Desenvolvimento Humano” (DH) abarcou 27% da discussão, fazendo, via de regra, menção à “Psicologia Positiva” (PP). Os trabalhos que atentaram com maior ênfase às questões conceituais, ou seja, aquelas referentes à construção da “Definição Teórica” (DT) do tema registraram a percentagem de 13% do total de analisados, demonstrando a preocupação de pesquisadores com o construto do conceito em monta. E a questão da (PP) foi encontrada na escrita de 26% dos trabalhos estudados neste artigo.

Os instrumentos de coleta de dados também foram tomados como elemento de análise dos dados. Neste item foram questionados se o investigador fez uso de questionário, entrevista ou observação e escalas, conforme se pode ver na Tabela 4.

Tabela 4. Instrumentos de coleta de dados

<b>Classe</b>	<b>Frequência</b>	<b>Frequência Relativa</b>
Observação	25	39%
Entrevista	21	34%
Questionário	17	27%

A partir de então, percebeu-se que 27% (n= 17) das publicações, utilizaram o questionário como instrumento de coleta. Aos que utilizaram a entrevista para este fim foram atribuídos à percentagem de 34% (n = 21) contra os 39% (n = 25) daqueles que buscaram na observação, o meio para coleta de dados.

Estes resultados revelaram, portanto, que o instrumento da “observação” foi o mais utilizado entre 2006 e 2017 nas bases de dados referendadas aqui.

## **Conclusões**

A partir dos resultados e da discussão gerados e apresentados neste estudo é possível refletir sobre a probabilidade do crescente fluxo de produção na literatura especializada nas referências da psicologia positiva, resiliência e família. A importância do estado aqui demonstrado se reafirma a partir do inegável pressuposto de que a ciência se constroi e se nutre nos meandros da publicação de suas descobertas. Neste mesmo sentido este trabalho demonstrou também o despertar do interesse por pesquisas sobre o tema, realizadas e publicadas no Brasil.

Como se pode observar nos resultados, e partindo do exposto, constatou-se a formatação de um panorama que confirma a reflexão inicialmente apresentada neste trabalho de que o setor nacional supera marcas anteriores na produção científica sobre a resiliência familiar.

Isto não quer dizer, entretanto, que a investigação e análise desse tema já estejam esgotadas nas ciências da saúde; e que não haja necessidade de novos estudos. Ao contrário disto e, para além do divulgado, este trabalho sugere a necessidade de contínua busca pela construção teórica e empírica dos conceitos a este tema atribuídos. Até porque, em guisa de conclusão, é importante que se registre que, embora se reconheça implicações práticas do estudo aqui apresentado, bem como relevância nas discussões proporcionadas, devem-se considerar neste arremate, as limitações da investigação subsidiada pelo método e procedimentos utilizados aqui.

Mesmo que os objetivos desta investigação tenham sido alcançados ao confirmar a hipótese aventada, deve-se considerar a necessidade de responder outras questões que este estudo não subsidiou ou propôs resolver. Neste sentido dentre algumas demandas, está o fato de que há outras bases de dados, não incluídas na coleta feita para esta análise, que podem apresentar outras perspectivas não listadas aqui e que certamente provocarão outras discussões para outras curiosidades epistemológicas.

### **Bibliografia de referência**

Böing, E.; Crepaldi, M. A. e Moré, C. L. O. O. (2008). Pesquisa com famílias: aspectos teórico-metodológicos. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, vol.18 (40), pp. 251-266

Brandão, J. M.; Mahfoud, M. e Gianordoli- Nascimento, I. F. (2011). A construção do conceito de resiliência em psicologia: discutindo as origens. *Paidéia*, 21, 263-271, pp.91-108. São Paulo: Casa do Psicólogo

Chiesa AM. (2005). *Autonomia e resiliência: categorias para o fortalecimento da intervenção na atenção básica na perspectiva da Promoção da Saúde* [tese de livre docência]. São Paulo (SP): USP

Grünspun HE. (2003). *Conceitos sobre resiliência*. Recuperado de <http://www.crmmt.cfm.org.br/revista/bio10v1/evistaBioética.pdf>

Juaci, V. e Carvalhaes, R. (2005). Adaptação transcultural, confiabilidade e validade da escala de resiliência. *Cadernos de Saúde Pública*, vol, 21 (2), pp. 436-448

Libório, R. M. C; Ungar, M. (2010). Resiliência Oculta: A Construção Social do Conceito e suas Implicações para Práticas Profissionais junto a Adolescentes em Situação de Risco.

*Psicologia: Reflexão e Crítica: Porto Alegre*, vol. 23 (2), pp. 476-484. Recuperado de [www.scielo.com](http://www.scielo.com)

Masten, A. S. and Garmezy, N. (1985). Risk, vulnerability and protective factors in developmental psychopathology. In *Lahey, B. B. & Kazdin, A. E. Advances in clinical child psychology*, 8, pp. 1-52. New York: Plenum Press

Morais, N. A. e Koller, S. H. (2004). Abordagem Ecológica do Desenvolvimento Humano, Psicologia Positiva e Resiliência: Ênfase na saúde. Em S. H. Koller (Org.). *A ecologia do desenvolvimento humano: Pesquisa e intervenções no Brasil*

Noronha, M. G. R. da C. e S.; Cardoso, P. S.; Moraes, T. N. P. e Centa, M. de L. (2009). Resiliência: nova perspectiva na promoção da saúde da família?. *Ciênc. saúde coletiva*. vol.14 (2), pp. 497-506. ISSN 1413-8123

Paludo, S. S. e Koller, S. H. (2007). Psicologia Positiva: uma nova abordagem para antigas questões. *Paidéia (Ribeirão Preto)*. vol.17 (36), pp. 9-20

Pesce, R. P.; Assis, S. G.; Avanci, J. Q.; Santos, N. e Pinheiro, D. P. N. (2004). A resiliência em discussão. *Psicologia em Estudo*, 9 (1), pp. 67-75

Remor, E. (1999). Psicologia da saúde: apresentação, origens e perspectivas. *Revista Psico*. Porto Alegre, vol. 30 (1), pp. 205-217

Rooke, M. I. e Pereira-Silva, N. L. (2014). Resiliência Familiar e Desenvolvimento Humano: Análise da Produção Científica. *Psicologia em Pesquisa*, 6 (2), pp. 179-186

Rutter, M. (1985). Resilience in the face of adversity: protective factors and resistance to psychiatric disorder. *British Journal of Psychiatry*, 147, pp. 598-611

- Seligman, M. (2003). Foreword: The past and future of positive psychology. In C. L. M. Keyes, & J. Haidt (Eds.). *Flourishing: Positive psychology and the life well lived*, pp. 11-20. Washington: American Psychological Association Malaquias
- Silva, M. R. S. (2003). *A construção de uma trajetória resiliente durante as primeiras etapas do desenvolvimento da criança: o papel da sensibilidade materna e do suporte social*. Tese de doutorado, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis
- Souza, M. T. S. e Cervený, C. M. O. (2006). Resiliência psicológica: revisão da literatura e análise da produção científica. *Revista Interamericana de Psicologia*, 40, pp. 115-122
- Walsh, F. (2005). *Fortalecendo a resiliência familiar*. São Paulo: Roca. (Original publicado em 1998).
- Werner E. E. and Smith, R. S. (1992). *Overcoming the odds: highrisk children from birth to adulthood*. Ithaca/London: Cornell University Press.
- Yunes, M. A. (2003). Psicologia positiva e resiliência: O foco no indivíduo e na família. *Psicologia em Estudo*, 8 (especial), pp. 75-84
- Yunes, M. A. M. e Szymanski, H. (2001). Resiliência: noção, conceitos afins e considerações críticas. Em Tavares J. (Org.) *Resiliência e Educação*, pp. 13-42. São Paulo: Cortez
- Zimmerman, M. A. and Arunkumar, R. (1994). Resiliency research: implications for schools and policy. *Social Policy Report: Society for Research in Child Development*, 8 (4), pp. 1-18